

## *Peônias e Miosótis*

Conheciam-se faz só umas horas. Ele tinha um pouco mais de trinta anos, e ela um pouco menos. Ele tinha de entregar com a ajuda dela um pacote para um conhecido seu além do Atlântico. Ela era simplesmente a intermediária. Era um negócio de cinco minutos, mas já duas das três horas em total que ela tinha antes de apanhar o avião, não podiam encontrar nenhum motivo razoável para se separarem. Agora, precisamente sessenta minutos antes do voo, eles ficavam no canto da cafeteria na sala de partida tomando o terceiro café sem falarem. Tinham acabado todos os temas que podiam pôr a conversa em dia entre dois desconhecidos. E o silêncio já estava a tornar-se indecente. A mesinha entre eles estava coberta de pequenos copos plásticos que tinham ganhado formas menos esperadas em resultado duma longa mexida nas mãos deles. Os mexedores de café ficaram destruídos nos menores pedaços possíveis faz tempo, os pacotinhos de açúcar vazios ficaram transformados em funis e barcos minúsculos.

Deu-lhe na cabeça que dessa mesa poderia sair um bom objeto pronto ou digamos – instalação que poderia chamar – “Apologia da preocupação” (copos plásticos de café, mexedores, pacotinhos de açúcar vazios, mesinha branca). Depois pareceu-lhe estúpido e decidiu ficar quieto. “O que fica guardado em silêncio transforma-se em mexedores quebrados e copos esmagados” – disse ela de repente. Passou-lhe pela cabeça que jamais encontraria novamente uma mulher dessas que poderia ler os pensamentos dele e com quem teria a vontade de ficar nessa cafeteria a vida toda. Assustou-se que usou, mesmo só no pensamento, uma frase como “a vida toda”.

- Vamos conversar – disse ela, mesmo que não tivessem parado de falar ao longo de duas horas.

A última hora que restava era demasiado pouco tempo para ser perdida em enrolos e constução de barquinhos. Mas como ele não começava a falar, ela simplesmente disse.

- Temos de admitir que às vezes as pessoas literalmente se desencontram.
- A ironia é que entendem isto exatamente na hora de se encontrarem – disse ele.
- Se calhar havia modo de nos termos encontrado antes. Tínhamos vivido tanto tempo na mesma cidade. É impossível de não nos termos cruzado nalgum semáforo.

- Eu ia reparar em ti – disse ele.
- Tu a amas? – perguntou ela.
- Tu o amas? – perguntou ele.

Rapidamente concordaram que não tinha importância nenhuma e ninguém tinha culpa disto.

Mais tarde ele não ia conseguir lembrar-se a quem primeiro lhe passou pela cabeça essa ideia salvadora (como pensava naquela altura) de inventarem recordações comuns, de inventarem uma vida inteira antes de se terem conhecido e depois disto. Uma tentativa tímida de se vingarem à ocasião, que sem piedade os tinha juntado por um instante só para separá-los. Tinham cinquenta minutos à disposição.

- Estás a lembrar-te – começou ele – quando éramos alunos vivíamos na mesma rua. Depositava-te cada semana, às escondidas, dentro da caixa de correio um anel feito de papel celofane de bombons “Lacta”.
- Aha – disse ela, - então foste tu esse. O meu pai sempre os encontrava primeiro e suspeitava que algum admirador doido do bairro enviava anéis de noivado para a minha mãe. Ocorre que foram para mim.
- Foram para ti – disse ele.
- E tu lembras-te – começou ela – quando no último ano da faculdade partimos só nós dois para aquele mosteiro. Pela primeira vez íamos sozinhos para algum lugar. No hotel não havia quartos disponíveis e nos acolheram numa cela de monge. Fazia muito frio e a cama era dura. Fiquei com um pouco de medo. Depois de cada vez benzia-me às escondidas de ti. Benzei-me cinco vezes naquela noite.
- Seis – disse ele. Eu também tinha medo. E lebras-te, quando depois vieste viver comigo. A tua mãe disse que ia recusar-se de ti no “Jornal do Estado”, porque não queria ter netos fora da lei.
- Lembro-me – disse ela. – Ainda por cima, eu não podia ter filhos.

Aqui ela ficou quieta. Ele pegou na mão dela pela primeira vez desde que se conheciam. Bem leve, consolador.

– Nada – disse ele. – E lembras-te quando fiquei de perna quebrada. Já tinha quarenta e oito anos, trabalhava como louco e esse mês em casa pareceu-me um

paraíso verdadeiro. Tu também saíste de férias, até ameaçaste no trabalho que ias quebrar o braço se não te deixassem. E um mês inteiro não pusemos o pé para fora.

– E quando no próximo ano diagnosticaram-me com aquele tumor...Tu tinhas lido algures que a risoterapia curava cancro e duas semanas em seguida sem parares, contavas-me anedotas para que eu risse. Até hoje fico a estranhar de onde os tiraste. Ficaste com tanto medo e foste tão querido. Naquela altura parecia que o teu cabelo ficou completamente branco. E cada dia trazias-me peônias e miosótis.

– Graças a Deus que tu ficaste bem. O que seria de mim sem ti?

Nesse momento chamaram todos os passageiros para Nova Iorque para se dirigirem ao terminal de embarque. Ficaram quietos no máximo um minuto. Depois ela levantou-se e disse que teria que partir. Ele pegou na mala dela e os dois partiram. Antes de passar o controle de passaportes, ela virou-se e deu-lhe um beijo muito longo. Como se fosse pela última vez, pensou ele, mesmo que nunca tivesse tido primeira antes disso.

Meia hora depois ele virou-se e partiu. Sentiu-se muito envelhecido, mexia os pés com sofrimento. De propósito fechou os olhos quando passava pela porta de vidro espelhado da saída, para não ver no reflexo o seu cabelo que ficou branco de repente e os seus ombros meio fechados de velho. Com cada passo percebia mais claramente que não ia conseguir voltar a casa, para a sua mulher irrealizável jovem. E nunca conseguiria contar-lhe o que é que andava a fazer ao longo desses cinquenta anos enquanto faltava.

Georgi Gospodinov